

SEMINÁRIO DE PESQUISA NEC 2023

11-12 abr.

NÚCLEO DE ESTUDOS DE ESPACIALIDADES CONTEMPORÂNEAS | NEC.IAU.USP



CORPOS QUE (NÃO) IMPORTAM: regimes artísticos de (in)visibilidade na arte contemporânea

FERNANDES, Lara Brisante; larabrisante@usp.br; IAU-USP

Pesquisa de iniciação científica, orientada por prof. Dr. Ruy Sardinha Lopes

Iniciada em agosto/2021 e concluída em agosto/2022

1 Introdução

Esta pesquisa de iniciação científica surgiu de um interesse em analisar e entender a presença de artistas e curadores indígenas no sistema de artes do Brasil, nomeadamente em museus, eventos de larga escala e instituições vinculadas à universidades ou outros órgãos.

Nas últimas duas décadas, é possível observar o que neste trabalho é chamado de “boom” da arte indígena no Brasil. Este fenômeno inclui (mas não se limita a) um aumento no número de exposições que abordam “temáticas indígenas”, o destaque de alguns nomes de artistas indígenas no sistema de galerias e museus brasileiros, etc. Nos últimos anos, estas questões têm sido acompanhadas de uma tentativa de mudança de abordagem de vários museus brasileiros que pretendem se “atualizar” e adotar perspectivas e abordagens ditas decoloniais ou descoloniais. Tais eventos não são observados apenas no Brasil, a exemplo do International Committee for Museology (ICOFOM) adotando o tema “Museus, ação comunitária e descolonização” como projeto especial para o triênio de 2020-2022. Para este projeto, a utilização do termo “decolonial” refere-se ao entendimento da colonização como um processo prolongado, que tem ramificações para além do domínio político oficial do período colonial brasileiro (1500-1822), e que ainda não foi superado (PAIVA, 2021).

A partir disso, uma série de questionamentos surgem que motivaram o desenvolvimento desta pesquisa: essa “guinada decolonial” de fato tem consequências materiais no sistema de artes brasileiro? A presença de artistas e curadores indígenas neste espaço ocorre de forma efetiva e permanente? Estes profissionais são limitados a estas exposições “temáticas”?

2 Objetivos

São os objetivos gerais da pesquisa:

- Analisar as origens e motivos do chamado “boom” da arte indígena no Brasil nas últimas duas décadas, com marco inicial definido na exposição Mostra do Redescobrimento: Brasil +500, realizada em 2000.
- Entender quem são os artistas e curadores “alavancados” neste período e que tipo de produção se insere no regime de visibilidade do circuito das artes contemporâneas brasileiras.
- Mapear as principais exposições que apresentem as características definidas durante a pesquisa e localizar os artistas, curadores e instituições mais recorrentes ou de maior destaque nestas.
- Traduzir o mapeamento em produtos gráficos e análises que busquem apontar caminhos para responder às questões iniciais.

Os objetivos específicos, por sua vez, são:

- Levantamento e análise de bibliografia referente à decolonialidade e descolonialidade no campo das artes.
- Analisar os resultados do mapeamento em relação à bibliografia pesquisada.

3 Abordagem da pesquisa

Como o principal produto deste trabalho é o mapeamento de exposições, as principais etapas aqui descritas são referentes à produção deste.

Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica referente a temas pertinentes ao tema, como decolonialidade nas artes, produções culturais indígenas e como expô-las.

Para o levantamento de exposições, inicialmente foram feitos um recorte temporal e um recorte espacial. O recorte temporal se inicia em 2000, com a realização da Mostra do Redescobrimento: Brasil +500 pela Fundação Bienal de São Paulo, e termina no momento imediatamente anterior à finalização desta pesquisa (julho de 2022). O recorte espacial oficialmente se limita apenas ao território brasileiro, mas devido às limitações das ferramentas de pesquisa utilizadas, é possível que os resultados tenham ficado mais restritos.

Houve também a seleção de alguns critérios para definir quais exposições seriam mapeadas. São eles: se encaixar no recorte temporal e espacial; serem coletivas, com a presença de pelo menos dois artistas indígenas ou um curador indígena; estarem associadas a alguma instituição de destaque no circuito de artes ou parte de um evento de grande porte. Exceções foram abertas no caso da quantidade de artistas presentes quando a exposição em questão foi considerada de extrema importância para o “boom” da arte indígena.

Quanto às fontes de pesquisa, foram utilizados majoritariamente fontes virtuais, sendo as principais: sites de algumas das principais instituições de arte do Brasil (MASP, Pinacoteca de São Paulo, MAM São Paulo, etc.); site da Enciclopédia Itaú Cultural, utilizando a ferramenta de busca para filtrar por exposições com artistas e/ou curadores indígenas; página de alguns dos artistas já premiados no site do Prêmio Pipa (como Naine Terena e Daiara Tukano); sites de alguns dos artistas mais ativos online (como os sites de Denilson Baniwa e Jaider Esbell); catálogos de exposições disponíveis virtualmente ou fisicamente.

As informações levantadas sobre as exposições foram seu nome, período e local de realização, instituição responsável, curadores principais e artistas indígenas presentes,

além de imagens e detalhes disponíveis em textos curatoriais ou em análises ou matérias publicadas sobre elas. Estes dados foram organizados em uma planilha e, eventualmente, traduzidos nos produtos gráficos apresentados neste relatório. Além dos dados já citados, foram adicionados comentários e análises autorais sobre as exposições.

A escolha desses métodos permitiu incluir na pesquisa exposições que aconteceram após o seu término, possibilitando incluir na discussão eventos bastante recentes e relevantes. No entanto, o encontro de diversos sites fora do ar em alguns momentos além do maior destaque dado às instituições no sudeste do país, é possível que exposições realizadas fora do circuito Rio-São Paulo não tenham sido levantadas, afetando negativamente o resultado final do catálogo.

4 Resultados e discussões

Ao fim da pesquisa, foram produzidos um catálogo, dividido em uma parte para as exposições e outra para os artistas e curadores que se destacaram no levantamento (figura 1), um mapeamento geográfico (figura 2), uma colagem de obras destes artistas (figura 3) e uma linha do tempo das exposições. Foi durante e após o desenvolvimento destes produtos que as principais questões citadas a seguir se colocaram.

Todas as informações presentes no levantamento, em conjunto com as questões que surgiram ao longo da realização do mapeamento indicam uma mudança no sistema de artes brasileiro. É fato que o número de exposições com participação considerável ou majoritária de artistas contemporâneos indígenas têm crescido, assim como o destaque que estes artistas e curadores têm alcançado - não somente em números, mas também considerando a relevância destas exposições ou das instituições às quais estas estão vinculadas. Porém também é fato que a relação profissional entre artistas e curadores indígenas e instituições ocidentais tem suas dificuldades, como visto pelo caso de Sandra Benites e sua trajetória no MASP. O sistema das artes como um campo de disputa e suas instituições são reprodutores de desigualdades sociais (PAIVA, 2021) e, portanto, é esperado que conflitos com práticas tensionadoras e decoloniais existam. É essencial, no entanto, identificar as mudanças já perceptíveis nesses sistemas e reconhecer que estas foram conquistadas a partir de ações concretas de profissionais às margens do regimes discursivos adotados pelas instituições de arte. Ao fim da pesquisa, no entanto, ficaram mais questões do que as originalmente previstas: a “mudança por dentro” é possível? Museus são, de fato, instituições capazes de expor e abrigar obras de arte indígenas? O caminho é repensar as instituições já existentes ou a origem colonial destas é indissociável de suas situações atuais e futuras?

5 Referências

LAGROU, E.; VELTHEM, L. H. van. As artes indígenas: olhares cruzados. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, [S. l.], n. 87, p. 133–156, 2018. Disponível em: <<https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/461/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MÜLLER, R. P. As artes indígenas na mostra do redescobrimto: povos. **RUA**, Campinas, SP, v. 7, n. 1 (2011), p. 143–152, 2015. DOI: 10.20396/rua.v7i1.8640725. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640725/>>. Acesso em: 30 jan. 2022.

PAIVA, A. S. A hora e a vez do decolonialismo na arte brasileira. **Revista Visuais**, Campinas, SP, v. 7, n. 1, p. 1–17, 2021. DOI: 10.20396/visuais.v7i1.15657. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/visuais/article/view/15657/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais – perspectivas latino-americanas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina: Clacso, 2005a. p. 117-38.

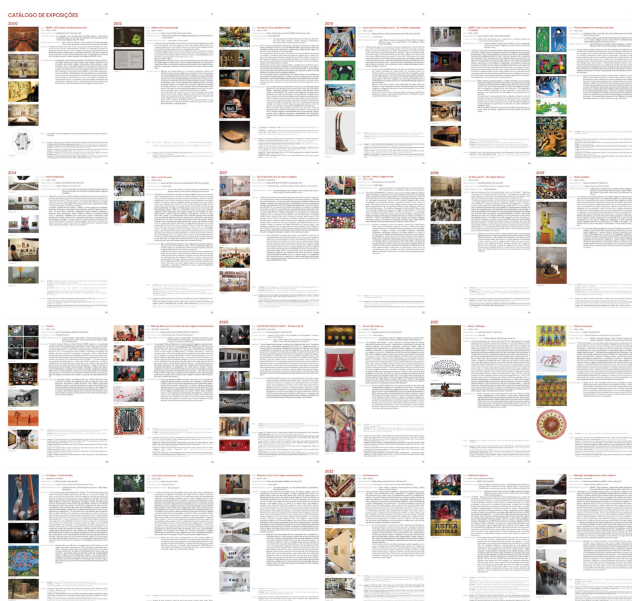


Figura 1: Catálogo de exposições. Fonte: elaborado pela autora, 2022.

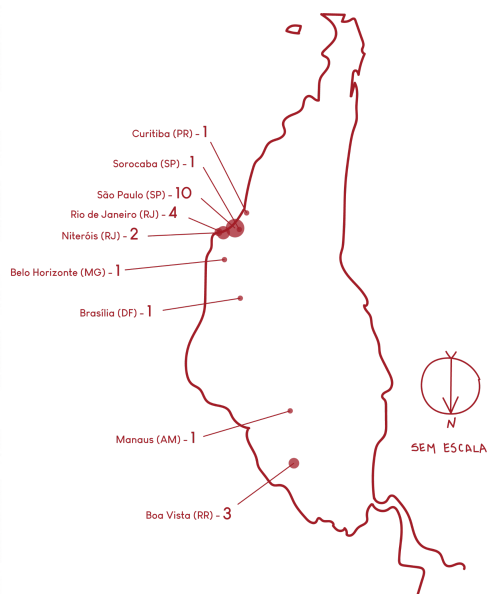


Figura 2: Mapeamento geográfico das exposições. Fonte: elaborado pela autora, 2022.

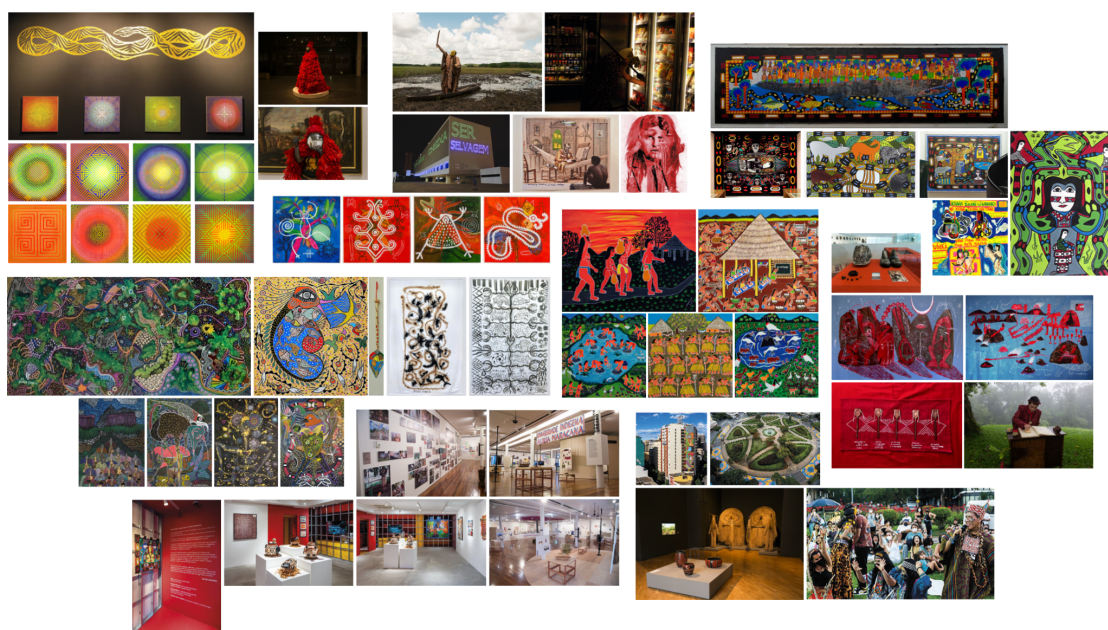


Figura 3: Mosaico de obras. Fonte: elaborado pela autora, 2022.